



As infâncias e a trama dos corpos

O corpo que interessa à psicanálise é o corpo efeito do desejo e palco do desdobramento dos paradoxos do gozo; corpo atravessado pela linguagem; falado e falante; corpo pulsional e erotizado; corpo tecido de demandas; corpo traçado de significantes que o desgastam e o levam a desgastar-se; corpo sexuado e mortal. Um corpo que nos primeiros tempos da vida é abalado pelo toque e pelo ritmo do Outro; corpo que, deslocado pelo gozo intrusivo de *lalíngua*, perde a bússola instintiva e é atravessado pelos traços primários de seu desamparo. Corpo que emerge do entrelaçamento de outros corpos e desejos que o precedem, falam a ele e o afiliam. Corpo fruto de uma linhagem, que não faz aparição no real a não ser como mal-entendido, dirá Lacan em seu Seminário XXVII¹.

O corpo que interessa à psicanálise pode ser objeto de dedicação mas também de descuido; é educado, submetido, cuidado, descuidado, cobiçado, moldado e deformado, capturado e civilizado, como indica Colette Soler². É, portanto, um produto transformado pelo discurso que domina a época em que toma forma: deslocado pelo modo como o laço social é posto em jogo, perturbado pelos modos dominantes de gozo e pelas contingências traumáticas que cada sujeito tem que viver.

Também a definição das infâncias, o lugar que lhes é outorgado e os modos de tratá-las são influenciados pelos discursos que dominam a época em que se vive. Cada época desenha assim os lugares oferecidos às crianças e ao trançado de seus corpos, *dando lugar a ofertas de novas identificações com novos riscos, novos modos de gozar e novos mal-estares e sofrimentos*.

¹ Lacan, J. (1980) Seminário XXVII: Dissolução, lição de 10 de junho de 1980 (seminário inédito).

² Soler, C. (2006) Conferência pública: El cuerpo acontecimiento del discurso. In: Soler, C. (2006) Los ensamblajes del cuerpo. Medellín: Asociación del Foro del Campo Lacaniano de Medellín, pp. 87-105.

Vivemos cada vez mais rápido, expomo-nos mais rápida e maciçamente às experiências sem o suporte do simbólico que permite processá-las. As infâncias são vividas com pressa, com pouco ou nenhum tempo para o descanso, a elaboração e a criatividade. É uma época mesquinha em propiciar os encontros e em fazer laço social, o que tem se traduzido em um notável avanço da trama do individualismo, do isolamento e da desconfiança. Como se constroem laços sociais quando impera o discurso da competitividade e da competência? Como a criança se orienta entre a suspeita do outro e a alternativa da solidariedade? Que efeitos têm a pressa e a saturação dos espaços sobre as crianças e nos modos como se tecem seus corpos?

A isso, somam-se os efeitos do discurso sobre a igualdade dos direitos, do direito ao gozo e a liberdade de dispor do próprio corpo, de que fala Colette Soler em seu livro *O que resta da infância*³. É uma época que também nos confronta com a vertigem produzida pelo giro contínuo da moeda sexual que conjuga cada vez mais suas duas faces: por um lado, o puritanismo, a censura e a suposta proteção dos direitos das crianças, e, por outro lado, a face da hiperestimulação sexual, a indústria do abuso sexual e a pornografia infantil. Poderíamos ainda acrescentar as incidências do virtual sobre os modos de satisfação que são promovidos e que parecem ser capazes de ir além do encontro real dos corpos; esse mundo virtual envolve, move, turva, perturba e inunda os espaços e tempos do cotidiano. Quais são os efeitos que isso tem sobre as crianças? Que lugares se abrem e que lugares se fecham? Como os corpos das crianças são afetados nessa conjuntura? São cenários que induzem o deslocamento dos corpos: a hiperestimulação e a exacerbação do pulsional; o desdobramento da sexualidade e as marcas do traumático no corpo das crianças; as derivações para a angústia e seus efeitos de ruptura; também a anestesia pela via da medicação generalizada; a neuro-mania e sua pretensão de erradicar o desejo, a história, a memória e a singularidade.

Em tempos dominados pelo discurso capitalista, a figura do grande Outro consistente foi corroída e, com ela, o recurso aos ideais e causas comuns. A pergunta pelo risco da infância e a trama de seus corpos assume particular importância, e poderíamos avançar que o discurso capitalista os trata sob duas perspectivas: capitalizá-los e submetê-los à lógica dos gozos do mercado, ou descapitalizá-los daquilo que os distingue e lhes permite desdobrar-se em sua singularidade. Mas, em ambos os casos, trata-se do consumo

³ Soler, C. (2014) Conferência “El niño generalizado”, in: Soler, C. Lo que queda de la infancia. Medellín: Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín, p. 46.

e da usura calculada das forças vitais dessa época da vida e do empobrecimento das experiências essenciais para o futuro. Trata-se também da dificuldade adicional que estes tempos trazem às crianças, para reconhecer e reconhecerem-se em seus corpos.

Com quê as crianças podem contar para enfrentar esse turbilhão capitalista? O que pode ser feito diante dessa encruzilhada? Acompanhar com presença e com palavras os passos hesitantes das crianças em direção ao processamento dos lutos e traumas; ajudar a tecer os recursos simbólicos que tornem possível a historicização e a descoberta de novas vias para o desejo e a criatividade; convocar a dimensão lúdica do jogo que se abre à vertigem da surpresa e do encontro angustiante com o porvir. O Encontro Internacional em Buenos Aires nos dará a oportunidade para seguir pensando sobre as formas como os corpos e a infância se entrelaçam hoje.

Maria de los Angeles Gómez Escudero.

AME EPFCL – Foro Psicoanalítico de Puerto Rico. Fevereiro 2020

Tradução: Maria Laura Silvestre

Referências

- Lacan, J. (1980) Seminario XXV, Disolución, Lección del 10 de junio de 1908. Seminario Inédito
- Soler, C. (2006) Conferencia pública: El cuerpo acontecimiento del discurso. En: Soler, C. (2006) Los ensamblajes del cuerpo. Medellín: Asociación del Foro del Campo Lacaniano de Medellín. pp. 87-105.
- Soler, C. (2014) Conferencia pública “El niño generalizado” en: Soler, C. (2014) Lo que queda de la infancia. Medellín: Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín, p. 46.